

## Índice

Prefácio — Orwell e os Comuns	11
-------------------------------	----

### Os Ensaios

A Espelunca (“The Spike”, 1931)	17
Um Enforcamento (“A Hanging”, 1931)	28
Choça (“Clink”, 1932)	35
Matar Um Elefante (“Shooting an Elephant”, 1936)	47
Em Defesa do Romance (“In Defence of the Novel”, 1936)	55
Memórias de Uma Livraria (“Bookshop Memories”, 1936)	63
Espanha Revelada (“Spilling the Spanish Beans”, 1937)	70
Notas sobre as Milícias Espanholas (“Notes on the Spanish Militias”, 1939)	80
Marraquexe (“Marrakech”, 1939)	96
Dentro da Baleia (“Inside the Whale”, 1940)	103
O Meu País, Direita ou Esquerda (“My Country Right or Left”, 1940)	145
O Leão e o Unicórnio: o Socialismo e o Génio Inglês (“The Lion and the Unicorn — Socialism and the English Genius”, 1941)	152
As Fronteiras da Arte e da Propaganda (“The Frontiers of Art and Propaganda”, 1941)	222
Tolstoi e Shakespeare (“Tolstoy and Shakespeare”, 1941)	227
O Significado de Um Poema (“The Meaning of a Poem”, 1941)	232
Literatura e Totalitarismo (“Literature and Totalitarianism”, 1941)	237
Wells, Hitler e o Estado Mundial (“Wells, Hitler and the World State”, 1941)	242
A Arte de Donald McGill (“The Art of Donald McGill”, 1941)	249

Rudyard Kipling (“Rudyard Kipling”, 1942)	263
A Redescoberta da Europa (“The Rediscovery of Europe”, 1942)	281
T. S. Eliot (“‘Burnt Norton’, ‘East Coker’, ‘The Dry Salvages’ by T. S. Eliot”, 1942)	293
B. H. Liddell Hart — <i>The British Way in Warfare</i> (“ <i>The British Way in Warfare</i> by B. H. Liddell Hart”, 1942)	301
Entrevista Imaginária com Jonathan Swift (“Imaginary Interview: George Orwell and Jonathan Swift”, 1942)	305
A Literatura e a Esquerda (“Literature and the Left”, 1943)	313
Recordações da Guerra Civil Espanhola (“Looking Back on the Spanish War”, 1943)	317
Gandhi num Bairro Aristocrático (“Gandhi in Mayfair”, 1943)	340
Podem os Socialistas Ser Felizes? (“Can Socialists Be Happy?”, 1943)	352
A Propaganda e o Discurso Demótico (“Propaganda and Demotic Speech”, 1944)	359
Privilégio do Clero: Algumas Notas sobre Salvador Dalí (“Benefit of Clergy: Some Notes on Salvador Dalí”, 1944)	368
A Poesia e o Microfone (“Poetry and the Microphone”, 1945)	379
Notas sobre o Nacionalismo (“Notes on Nationalism”, 1945)	388
Em Defesa de P. G. Wodehouse (“In Defence of P. G. Wodehouse”, 1945)	410
Engraçado, mas não Vulgar (“Funny, But Not Vulgar”, publicado em Leader, 1945)	426
A Liberdade de Imprensa (“The Freedom of the Press”, 1945 )	433
Tu e a Bomba Atômica (“You and the Atom Bomb”, 1945)	445
O Que É a Ciência? (“What Is Science?”, 1945)	450
Bons Maus Livros (“Good Bad Books”, 1945)	454
O Espírito Desportivo (“The Sporting Spirit”, 1945)	459
Em Defesa da Cozinha Inglesa (“In Defence of English Cooking”, 1945)	464
Lugares de Recreio (“Pleasure Spots”, 1946)	467
Uma Boa Chávena de Chá (“A Nice Cup of Tea”, 1946)	473
A Prevenção da Literatura (“The Prevention of Literature”, 1946)	476
Livros e Cigarros (“Books vs. Cigarettes”, 1946)	493
O Declínio do Assassinato na Grã-Bretanha (“Decline of the English Murder”, 1946)	499
Henry Miller, <i>O Olho Cosmológico</i> (“ <i>The Cosmological Eye</i> by Henry Miller”, 1946)	504
Diante do Nariz (“In Front of Your Nose”, 1946)	509

Algumas Reflexões sobre o Sapo-Comum (“Some Thoughts on the Common Toad”, 1946)	514
A Política e a Língua Inglesa (“Politics and the English Language”, 1946)	519
Culinária Britânica (“British Cookery”, 1946)	535
Confissões de Um Crítico de Livros (“Confessions of a Book Reviewer”, 1946)	552
Porque Escrevo (“Why I Write”, 1946)	556
Política <i>versus</i> Literatura: Uma Análise das <i>Viagens de Gulliver</i> (“Politics vs. Literature: An Examination of <i>Gulliver’s Travels</i> ”, 1946)	565
Como Morrem os Pobres (“How the Poor Die”, 1946)	586
James Burnham e a Revolução Diretiva (“James Burnham and the Managerial Revolution”, 1946)	598
Lear, Tolstoi e o Bobo (“Lear, Tolstoy and the Fool”, 1947)	622
Prefácio para a Edição Ucraniana de <i>Animal Farm</i> (“Preface to the Ukrainian Edition of <i>Animal Farm</i> ”, 1947)	640
Rumo à União Europeia (“Toward European Unity”, 1947)	645
A Perspetiva Moral dos Ingleses (“The Moral Outlook of the English People”, 1947)	652
A Perspetiva Política dos Ingleses (“The Political Outlook of the English People”, 1947)	661
O Sistema de Classes Inglês (“The English Class System”, 1947)	668
A Língua Inglesa (“The English Language”, 1947)	676
Reflexões sobre Gandhi (“Reflections on Gandhi”, 1949)	685
Evelyn Waugh (“Evelyn Waugh”, 1949)	694
Sobre a Concessão de Um Prémio a Ezra Pound (“The Question of the Pound Award”, 1949)	699
Alegres Eram os Dias... (“Such, Such Were the Joys”, 1952)	701
Anexo	753

## A Espelunca<sup>1</sup>

Fim de tarde. Éramos quarenta e nove, quarenta e oito homens e uma mulher, deitados nas ervas à espera que a espelunca abrisse. Estávamos demasiado cansados para grandes conversas. Deixávamo-nos simplesmente estar ali esparramados, exaustos, com cigarros de enrolar espetados nos rostos esquálidos. Acima das nossas cabeças, os ramos dos castanheiros estavam cobertos de flores, e mais além grandes nuvens lanosas flutuavam quase imóveis no céu limpo. Estendidos ao molho nas ervas, parecíamos uma gente muito maltrapilha, ralé urbana. Conspurcávamos a paisagem, à semelhança de umas quantas latas de sardinha e sacos de papel junto ao mar.

O pouco que se conversava era acerca do Superintendente dos Vagabundos da espelunca. Toda a gente concordava que o homem era um sacana, um tártaro, um tirano, um canalha rabugento, blasfemo e cruel. Quando ele se encontrava por perto, não nos podíamos considerar homens livres, e não tinham sido poucos os vagabundos que ele tinha já expulsado a meio da noite por darem uma resposta torta. Quando chegava a nossa vez de sermos revistados, ele não se coíbia de nos virar de pernas para o ar e de nos sacudir no ar. Se

1 “The Spike” no original. O termo, em calão britânico, serve para designar os albergues noturnos destinados a alojar temporariamente os sem-abrigo, desempregados, enfermos, mendigos e indigentes. No período descrito, eram instalações muito pobres que contavam apenas com os serviços mínimos de higiene, parca alimentação e uma cama, obtidos a troco de trabalho braçal. Tratava-se da alternativa de alojamento mais barata para quem não tinha onde pernoitar. (N. T.)

fôssemos apanhados com tabaco, era o diabo, e valha-nos Deus se entrássemos com dinheiro nos bolsos (o que é proibido por lei).

Eu tinha oito *pence* comigo. “Por amor de Deus, companheiro,” avisaram-me os ajudantes mais velhos, “não leves isso contigo lá para dentro. Olha que apanhas sete dias só por entrares com oito *pence* na espelunca!”

Por isso, resolvi enfiar o meu dinheiro num buraco debaixo da sebe, tendo assinalado o lugar com um calhau. Depois, começámos a esconder entre nós a nossa provisão de fósforos e tabaco, pois é proibido entrar com estes objetos em praticamente todos os albergues, devendo entregá-los ao portão. Escondemo-los nas nossas meias, com exceção dos cerca de vinte por cento que não tinham meias e tinham de andar com o tabaco enfiado nas botas, inclusive debaixo dos dedos dos pés. Atafulhámos de tal modo os tornozelos com estes géneros contrabandeados que qualquer pessoa que visse a cena nos teria imaginado vítimas de um surto de elefantíase. Porém, há uma lei tácita segundo a qual nem mesmo o mais severo dos Superintendentes nos pode revistar abaixo do joelho, e no fim só um homem foi apanhado. Esse homem era Scotty, um vagabundo baixinho e guedelhudo com um sotaque esquisito de Glasgow misturado com o *cockney*. A sua lata com pontas de cigarro caiu-lhe da meia na pior altura, após o que foi confiscada.

Às seis, os portões abriram-se e nós entrámos a passo arrastado. À entrada, um dos funcionários tomou nota dos nossos nomes e de outras informações no livro de registos e ficou com as nossas trouxas. Mandaram a mulher seguir para o albergue, ao passo que nós fomos enviados para a espelunca. Era um lugar sombrio e gelado de paredes caiadas, composto apenas por uma casa de banho, um refeitório e cerca de uma centena de celas de pedra estreitas. O terrível Superintendente foi ter connosco à porta e conduziu-nos em rebanho até à casa de banho para que nos despissem e revistassem. Era um tipo grosseiro e durão que andava na casa dos quarenta, um homem que fazia tanta cerimónia com os vagabundos como se estivesse a empurrar a carneirada para um lago artificial, arrastando-os para aqui e para acolá ao mesmo tempo que berrava palavrões em cheio nas suas caras. Porém, quando chegou a vez de se aproximar de mim, estudou-me demoradamente com o olhar e disse:

“És um cavalheiro?”

“Creio que sim”, respondi.

Voltou a olhar para mim com atenção. “Bom, isso é um azar dos diabos, patrão”, disse ele, “um azar dos diabos, pode crer.” A partir desse momento, meteu na cabeça que devia tratar-me com compaixão, até com um certo respeito.

Aquela casa de banho era uma visão asquerosa. Todos os segredos indecentes da nossa roupa interior acabavam expostos; a fuligem, os rasgões e os remendos, os bocados de cordão que faziam a vez de botões, camadas atrás de camadas de retalhos de roupa, alguns deles meras amostras de buracos que a imundice ainda unia. A divisão tornou-se uma amálgama de nudez vaporosa, ao mesmo tempo que os odores da transpiração dos vagabundos iam competindo com o fedor repulsivo e subfecal que era próprio da espelunca. Alguns dos homens recusavam-se a tomar banho e limitavam-se a lavar os “trapos dos pés”, aqueles horrendos panos sebosos que os vagabundos enrolam à volta dos pés. Cada um de nós dispunha de três minutos para se lavar. As seis toalhas sebatas e húmidas disponíveis tinham de dar para todos.

Quando acabámos de nos lavar, levaram as nossas roupas, e depois vestiram-nos com as camisas do albergue, que eram umas coisas cinzentas de algodão vagamente parecidas com camisas de noite e que nos chegavam a meio das coxas. Depois, mandaram-nos para a sala de jantar, onde a ceia já estava posta nas mesas de pinho. Era a refeição habitual da espelunca, sempre a mesma, fosse a hora do pequeno-almoço, do jantar ou da ceia — meia libra de pão, um pedaço de margarina e uma chávena daquilo que diziam ser chá. Foram precisos cinco minutos para conseguirmos engolir de um trago essa comida reles e abjeta. Então, o Superintendente forneceu três cobertores de lã a cada um e encaminhou-nos à pressa para as celas, para aí passarmos a noite. As portas eram trancadas por fora pouco antes das sete da tarde, e permaneceriam trancadas durante as doze horas seguintes.

As celas mediam dois metros e meio de altura e metro e meio de largura, e não havia iluminação alguma exceto uma minúscula janela com grades no alto da parede e o olho mágico na porta. Na cama não havia percevejos, tínhamos estrados e colchões de palha, e tanto uns como os outros eram autênticos luxos. Em muitas espeluncas,

uma pessoa acaba por dormir em tábuas de madeira, diretamente sobre o chão, tendo apenas como almofada um casaco dobrado em dois. Tendo uma cela e uma cama só para mim, estava a contar com uma noite descansada. Porém, não foi isso que aconteceu, até porque há sempre algum problema na espelunca, e neste caso a falha era o frio, algo que não demorei muito tempo a descobrir. Estávamos já em maio, e em honra da estação do ano — talvez tivesse sido um pequeno sacrifício dirigido aos deuses da primavera — as autoridades haviam decidido cortar o sistema de aquecimento a vapor. Os cobertores de lã não serviam praticamente para nada. Uma pessoa passava a noite às voltas, ora adormecendo durante dez minutos, ora acordando meio enregelada, restando-lhe ficar a ver o despontar do dia.

Como sempre acontece na espelunca, foi na altura em que finalmente tinha arranjado maneira de adormecer com algum conforto que bateu a hora de acordar. O Superintendente atravessou o corredor no seu passo de marcha, destrancou as portas e pôs-se aos berros para que déssemos um ar da nossa graça. Não foi preciso muito tempo até que o corredor ficasse apinhado de figuras esqueléticas tapadas com camisas, cheias de pressa para chegar à casa de banho, dado que de manhã havia apenas uma banheira cheia de água que tinha de dar para todos nós, e era uma espécie de quem vai ao mar perde o lugar. Quando lá cheguei, já vinte vagabundos tinham lavado a cara. Dei uma olhadela à camada de sujidade que raiava a superfície da água e decidi andar sujo o resto do dia.

Vestimos à pressa as nossas roupas, e depois dirigimo-nos para a sala de jantar para engolir o pequeno-almoço. O pão estava pior do que era habitual, já que o idiota do Superintendente, cabeça-dura como era, tinha decidido cortá-lo em fatias de um dia para o outro, de modo que o pão estava duro como pedra. Fosse como fosse, estávamos todos satisfeitos por podermos tomar chá depois daquela noite gelada e agitada. Não sei o que é que os vagabundos fariam sem chá, ou, melhor dizendo, aquela coisa a que erroneamente chamam chá. É o alimento deles, a sua panaceia para todos os males. Sem o litro e meio ou coisa que o valha que emborcamos todos os dias, acredito verdadeiramente que não seriam capazes de encarar a própria existência.

Depois do pequeno-almoço, fomos obrigados a despir-nos novamente, desta feita para um exame médico, que serve de precaução contra a varíola. Passaram três quartos de hora até o médico chegar, e nesse interregno uma pessoa acabava por ter tempo de sobra para olhar em redor e perceber que espécie de gente éramos. Não deixava de ser uma visão instrutiva. Estávamos parados no corredor a tremer, dispostos em duas filas, despídos até à cintura. A luz artificial, fria e azulada, iluminava-nos a todos com uma claridade implacável. Ninguém poderá imaginar, a não ser que tenha passado pelo mesmo, o género de criaturas pançudas e degeneradas que éramos. Só se viam desgrenhados e peludos, com rostos enrugados e peitos enfezados, pés chatos, músculos descaídos — ali podia-se encontrar toda a espécie de deformidades e debilidades físicas. Pareciam todos flácidos e pálidos, como são todos os vagabundos por baixo da pele enganadoramente bronzeada. Há duas ou três dessas figuras que ainda hoje não consigo tirar da cabeça. O velho “Papá”, de setenta e quatro anos, com a sua funda e os seus olhos vermelhos e lacrimejantes: um faminto escanzelado com uma barba rala e umas faces chupadas que mais se assemelhava ao cadáver de Lázaro num retrato primitivo; depois, havia um imbecil que andava constantemente de um lado para o outro enquanto dava umas risadinhas em voz baixa e que mostrava o seu tímido agrado ao ver as calças a descaírem constantemente, deixando-o nu. Ainda assim, eram poucos os que entre nós suplantavam esta gente; no nosso grupo, não se contavam sequer dez homens com uma constituição física normal, e estou em crer que metade de nós não devia estar ali, mas no hospital.

Tendo em conta que era domingo, não havia alternativa senão permanecermos na espelunca durante o fim de semana. Assim que o médico se foi embora, juntaram-nos em rebanho e escorraçaram-nos de volta para a sala de jantar, tendo fechado de seguida a porta na nossa cara. Era uma divisão com paredes caiadas e chão de pedra, e não havia palavras para descrever o seu aspeto lúgubre, com a mobília de madeira de pinho, tábuas e bancos, mais o seu fedor a prisão. As janelas eram de tal modo altas que não conseguíamos espreitar lá para fora, e o único objeto decorativo que havia era uma lista de Regras com ameaças terríveis dirigidas a qualquer pessoa que tivesse algum comportamento impróprio. A divisão ficou de tal mo-